



EDITORIAL

Ser Lamosa.

Ser, estar, recordar, viver..., mas, acima de tudo, sentir pertença. E é esta dimensão do afeto que nos une em torno de Lamosa.

Um dos objetivos primeiros e de destaque da Associação Ser Lamosa foi o de se oferecer como um ponto de encontro, criar contactos, promover momentos de com-viver.

Ora, conviver é sobretudo comunicação; comunicar ideias, experiências, sentimentos, aspirações... Assim, nada mais lógico do que criar um meio facilitador de comunicação, um pequeno jornal. Coisa simples, sem grandes pretensões, mas onde os lamosenses encontrem dizeres da sua terra (de origem ou de afeto), mas, igualmente, onde possam partilhar as suas informações, ideias, saberes e vivências.

E porque queremos chegar longe, o suporte privilegiado será o digital que facilmente nos colocará nos quatro cantos do mundo. Haverá, também, uma limitada tiragem em papel, para quem gosta de sentir o toque físico do jornal ou seja menos experimentado nas novas tecnologias.

É pretensão nossa chegar ao mais longínquo lugar onde a palavra Lamosa provoque um descompasso nos sentimentos, mas, igualmente, desejamos e solicitamos que nos cheguem contributos de qualquer lado onde essa afinidade se faça sentir: do grande continente brasileiro onde impera a primeira e vetusta emigração de muitos naturais de Lamosa, e também da diáspora mais recente para as ricas democracias da Europa: França, Suíça, Alemanha...

Aguardamos notícias, histórias, vivências, sugestões..., só assim este espaço de comunicação despertará interesse e será de todos.

Pina da Costa

NESTE NÚMERO

- Editorial
- Mensagem do Presidente da Junta de Freguesia
- Igreja Velha com cara nova
- Farrapos da História de Lamosa
- Conto (O saldo da vida)
- Poesia (Minha Aldeia)
- Saúde e bem-estar
- Petiscos d'Avó
- Vidas: Valentim Silva
- Padroeira de Lamosa

NOTA: Os artigos assinados são da responsabilidade dos autores.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA

Caros fregueses

Lamosa, continua a ser uma freguesia de referência cultural e social, quer para os que cá se encontram, quer para o concelho e em especial para as “nossas” gentes espalhadas pelos quatro cantos do mundo!

A saudade será sempre muita, mas quando se aproxima o regresso, aí tudo se transforma.

Lamosa inserida no progresso do concelho de Sernancelhe rejuvenesce as suas infraestruturas, apoia os mais vulneráveis e procura o melhor caminho para o benefício das “suas GENTES”.

Francisco Santos

IGREJA VELHA COM CARA NOVA

Lamosa, uma terra serrana do concelho de Sernancelhe, de gente rente, bairrista, voluntariosa e muito independente, sempre trabalhou, viveu e construiu em comunidade e na união de todos.

Numa aldeia com parco edificado de relevo histórico e cultural a igreja velha é um dos poucos elementos com esse relevo tendo perdido importância com a construção de uma igreja maior quando Lamosa tinha 5 vezes mais população, tendo a igreja velha caído na relevância e na utilização ao ponto de, para se manter a estrutura em pé, todo o tipo de intervenção foi feita descaracterizando cada vez mais o edifício.

Atualmente, mais atentos às questões de património, era vontade do povo reconstruir o edifício devolvendo-lhe a dignidade a função para a qual foi construída.

Uma ideia que começou a ter forma há cerca de dez anos. Depois de muitas atividades para recolhas de fundos, depois de resolvidas questões relacionadas com projetos, licenciamentos e licenças de construção, era hora de pôr mãos à obra, mas ainda assim faltavam recursos financeiros que eram insuficientes.

Aparece então a possibilidade de fazer uma candidatura para levar a cabo este designio. Em estreita colaboração, porque a união faz a força, a Comissão Fabriqueira, a Junta de Freguesia e o Município, estes dois últimos que se tinham comprometido a arranjar uma solução para levar a cabo esta obra, conseguem financiamento para a totalidade e pôr em prática uma ideia e um desejo que é de todos e que toda a gente reclamava. Esta sintonia entre Dono de Obra, Junta de Freguesia, Município e técnicos, resulta na execução da obra onde as únicas despesas são as da construção libertando assim verbas para compor toda a Capela Mor, nomeadamente na recuperação e restauro de toda a talha existente, com dinheiros que a Comissão Fabriqueira veio a juntar fruto de muitas atividades que a população desenvolveu com a finalidade da reconstrução do edifício, mas que deixou de ser necessária fruto da referida candidatura.

Agradecer o empenho e o contributo de todos os agentes nomeadamente à Comissão Fabriqueira que sempre mostrou interesse e trabalhou na recuperação do edifício, à Junta de Freguesia e Município que conseguiram os meios financeiros para a reconstrução, aos técnicos que desenvolveram e puseram em prática os projetos, e especialmente a todos os Lamosenses que sempre acreditaram e trabalharam para ver este sonho realizado e que será concluído antes do final do ano.

Paulo Albino Santos



HISTÓRIA E HISTÓRIAS

Farrapos da História de Lamosa

O território de Lamosa terá sido domínio dos reis de Leão e, por doação ou herança, passou para D^a. Flámula que o doou, no ano de 960, juntamente com outros bens dependentes do castelo de Caria, ao mosteiro fundado por sua tia D^a. Mumadona Dias junto a Guimarães. Em 988, toda esta região é devastada pelos exércitos mouros de Almançor.

Com a extinção do mosteiro de Guimarães, os bens do mosteiro passaram para a coroa. Em 1120, D. Afonso Henriques constituiu a honra de Caria a favor dos irmãos Egas Moniz (Aio de D. Afonso Henriques) e Mem Moniz da casa dos Ribadouro, onde se incluía a vila (quinta) de Lamosa. Com a morte de Egas Moniz em 1146, a vila de Lamosa é doada ao Mosteiro de Santa Maria de Cárquere (Resende) dependente de Santa Cruz de Coimbra. A estrema norte da aldeia é delimitada por marcos com as letras “de V” indicando a pertença à “Universidade” de Coimbra (o U escrevia-se V), isto é, dividiam as terras de Caria (propriedade da Universidade) das terras de Lamosa, propriedade do Convento de Cárquere.

Esses marcos ainda existem e definem os limites históricos de Lamosa, embora alguns deslocados do local inicial; devem datar de finais do século XV, princípios do século XVI. Mais tarde, Lamosa passou igualmente para os domínios da Universidade de Coimbra após a expulsão dos jesuítas, que foram senhores de Lamosa entre 1541 - ano da doação do Convento de Cárquere e suas possessões à Companhia de Jesus, por D. João III - até à expulsão dos jesuítas em 1759 pelo sernancelhense Marquês de Pombal.

Aos jesuítas se deve a constituição de Lamosa como freguesia (até aí era capela anexa de Cárquere) e a construção da antiga Igreja Matriz (Igreja Velha).

Administrativamente, Lamosa integrava o antigo concelho de Caria e para administração da justiça chegou a depender do julgado de Castro Rei (antiga designação de Tarouca), mais tarde da comarca de Lamego, por fim Moimenta da Beira.

Em 1855, por Decreto de 24 de outubro, que extingue o concelho de Caria e Rua, passa a integrar o concelho de Sernancelhe.



Pina da Costa



Mosteiro de Santa Maria de Cárquere

NARRATIVAS : O SALDO DA VIDA (CONTO)

Os cães são como as pessoas, têm as suas cismas. A Runa não é diferente. Mal chega ao Ribeiro, abandona a frente do rebanho e desata a correr para casa. Dir-se-ia que tem saudades da minha Zezinha.

Até nem são muito dadas. Certo é que vai a correr, pouco se demora, e logo volta para ajudar a acomodar o gado no curral.

Porque faz isto, não sei. Diz a Zezinha que chega, fareja-lhe os pés, dá duas voltas em torno dela rabiando de contentamento como se a não tivesse visto há vários dias, e volta a sair de casa, sem um latido. Pelo menos a minha Zezinha fica prevenida da nossa chegada.

E estamos a chegar. E ela já está prevenida. E lá está ela a espreitar pelo janelo enquanto percorremos a ruela que sobe do arroio. Gosta daquele janelo.

Diz que lhe permite ver uma nesga de vida. Pessoas que passam, bichos que mexem, andam e voam, plantas que crescem e florescem.

Mas também serve para espiar a minha chegada.

E ela já está prevenida. E já sabe que estou a chegar. E observa-me pelo janelo através do vidro fosco de sujo e fumo. Não que eu veja que ela me vê. Só noto um vulto. Mas sei que ela gosta de ficar ali prantada a olhar para as coisas, ou para o vazio..., e a ver-me chegar.

Espero que não esteja a preparar mais uma enenação. Coitada, agora deu-lhe para este aferro. É a vesânia do vinho. Até era mulher trabalhadora e companheira.

Depois começou na vinhaça. Tenho o pipo aferrolhado a sete chaves, mas deixa nome no rol de todos os taberneiros. Bem tento pô-la na ordem. Os ralhos não lhe têm faltado. Chora, pede perdão, promete... Esta tineta, porém, está acima do seu querer.

Ultimamente anda com estas ideias..., quer finar-se.

Tentou no poço da Regada, apenas virei costas.

A Runa é que lhe valeu. Deu o alerta. Ladrava aflitivamente.

Que trabalhadeira me deu para a tirar do fundo do poço! Não fora ter cegonha montada, e certamente se afogaria enquanto buscava escada ou pedia socorro. Lá a convenci a meter-se no balde e a agarrar-se firme ao varal do engenho. Não foi difícil convencê-la. A aflição das golfadas que engoliu ajudou na argumentação. O difícil foi içá-la. Mas lá a fui puxando, a pulso, e já cá em cima quase a larguei, extenuado, quando se lançou em desespero para se agarrar ao cairel do poço. Garantiu-me que afogada nunca mais.

Os mimos que lhe dei a seguir ainda cevaram mais o desatino. Até canja lhe fiz. Mas quanto mais a mimava mais desalentada parecia.

Não tardou a pendurar-se num caibro da sala. Mais uma vez foi a Runa que a salvou. Foi à frente, como sempre, mas logo voltou latindo em desespero.

Tive um pressentimento. Corri. A cadela corria adiante. Eu corria atrás. Na subida da Fontinha tinha quase os bofes de fora, mas corria, corria.

Descobri-a a espernear. A pobre diz que sentiu dores terríveis quando a corda lhe trilhou a pele. Deixou-lhe marcas até hoje.

E já tentou esganar-se segunda vez. Desta feita, contudo, já foi mais cautelosa e colocou um lenço da cabeça a proteger o pescoço. E em vez da cadeira utilizou um banquinho pequeno, altura de palmo.

Ali esticada até tocava no chão. Parecia uma bailarina em exercício de ponta dos pés. Com o lenço, foi quase só a aflição do sufoco, confessou mais tarde.

Desconfio que espera até ver a cadela ou ouvir a chieira do portão da quintã para se lançar do banquinho. Mas pode dar para o torto. Posso não chegar a tempo. Tenho de a andar sempre a vigiar...

Gosto da minha Zezinha, porém a paciência começa a ceder.

Hoje despertou estranha. Deduzi que estaria nesses maus dias.

“Olha, Joaquim, acordei com umas ideias esquisitas. Tentei deixar de beber. Quase três dias sem provar pinga. Mas não dá. Não consigo. Dou cabo da minha vida e da tua. Tenho de tomar decisão séria”.

Que ideias e que decisão é que não disse. Bem tentei sacar alguma coisa. Insisti. Mas nada. “Deixa pra lá”, respondia fingindo enfado.

À cautela, pela manhã, ainda fiquei a fazer uns trabalhitos no quinteiro. De tarde, tive mesmo de levar a cabrada a almargem.

Ora aí está ela pendurada, novamente! Bem me olha de esquelha. Parece suplicar.

Zezinha tem razão: esta vida não leva a lado nenhum. Quando a dor e a infelicidade superam o prazer e a alegria, a vida tem saldo negativo. Não vale a pena ser vivida. E é-lhe penosa, a vida! Merece sossego, a minha Zezinha.

Vou voltar ao aprisco das cabras; deixá-la acabar o que começou...

A Runa prefere ficar. E para lá está em choro e triste cainhar.

Pina da Costa

LÍRICAS: MINHA ALDEIA

A minha aldeia é uma casa aberta
que tem pressa
de pôr rendas à janela.
A minha aldeia é uma festa
quando tem gente dentro dela.
Mas é muito mais do que isso
é um feitiço
de um deslumbre
que nos queima como lume
se não estamos a seus pés.
São fumos subindo devagarinho
cheiros a giestas e a pinho
nos acordar lento das chaminés.
É um vento que assobia gelado
Num branco de neve bailado
Por chãs corgas e cumeeiras
É um lugar sem fronteiras
Com manhãs de orvalhadas frias
E os voos em espiral das cotovias
É uma serra preña de odores
Que guarda estórias de lo pastores
E de homens a quem está grata
São maias brancas e amarelas
Em gigantes painéis de aquarelas
Onde um milhafre lá no alto voa
Mas onde já ninguém berra “à coa”
E de prolongados silêncios está farta.

É na horta a cesta cheia de sabores
Num mosaico de garridas cores
É um cuco lá longe que se farta
Que canta como há muito não ouvia
É um gaio zangado que escondia
A castanha na caruma de uma mata.
São mulheres que lavam nas ribeiras
E homens cansados de sementeiras
É um bater de asas entre flores
Um luzir de marcela nas lameiras
é o campo esgazeado de mil cores
Uma abelha que se perde de amores
De olhos postos nas roseiras
Zenindo inebriada no seu fado.
É um abril de águas mil sonhado
Correndo embriagado de ideias
Era o olhar de um puto que sorria
E de olho arregalado comia
Os melhores brincos das cerejeiras
Era junho de saltar fogueiras
Eram meninos que brincavam
E encantados olhavam
O florir tardio das macieiras.

Afonso Dias

SAÚDE E BEM-ESTAR: ESPREITAR O COPPO HUMANO...



Ao longo da nossa vida, já nos deparámos com a necessidade de fazer uma radiografia ou uma ecografia. Várias vezes me questionaram sobre a diferença entre radiografia e ecografia. Na verdade, os princípios implicados em cada uma destas técnicas são totalmente diferentes. A radiografia tem radiação: os conhecidos RX. Existe uma fonte emissora destes raios que atravessam as estruturas do corpo, indo impressionar uma chapa metálica, produzindo uma imagem que será interpretada. Por seu lado, a ecografia não tem radiação de RX; a produção de imagens é devida a ultrassons que, como o nome indica, são inaudíveis ao ouvido humano. Uma fonte emite ultrassons que atravessam as estruturas do corpo; estas, as estruturas do corpo, têm várias densidades: o mais denso - o osso - dá origem à imagem branca, o líquido puro - o menos denso - a imagem preta. Assim se produz uma escala de cinzentos. Os ultrassons são refletidos (ecos) e captados pela sonda que os envia para computador que os transforma em imagem. A imagem mais comum é em 2D, duas dimensões, contudo, também existe a imagem 3D, três dimensões e, juntando a quarta dimensão, tempo/ movimento, temos imagens semelhantes ao vídeo, a ecografia 3/4D.

Abel de Oliveira Silva (médico)

PETISCOS D'AVÓ

Açorda de feijocas

(6 a 8 pessoas)

Ingredientes:

- Azeite qb
- 1 cebola grande
- 3 dentes de alho
- Sal qb
- 2 folhas de louro
- 1 chávena de vinho branco
- 2 tomates
- 1 trigo da Lapa
- 800g de carne de porco (p. ex. entrecosto)
- 500g de feijocas de Lamosa

Coloque as feijocas a cozer cobrindo-as bem com água;

Enquanto as feijocas cozem, faça um refogado com o azeite, a cebola e o alho (utilizar panela com capacidade para todos os ingredientes);

Quando estiver a cebola alourada coloque o tomate, louro, sal, vinho branco e a carne;

Deixe refugar em lume brando até a carne estar cozida;

Junte as feijocas cozidas com a água onde cozeram (com uma concha, retire alguma água para uma tigela e reserve);

Deixe apurar em lume brando para a feijoca absorver o sabor;

Imediatamente antes de servir, coloque o pão (trigo) partido em pedacinhos. Corrigir com a água que reservou de forma a não ficar nem muito seco nem muito líquido.

Graça Mota



DÊ O SEU CONTRIBUTO

Envie-nos uma história de vida, poema, conto, curiosidade, informação de interesse para os lamosenses...

VIDAS: VALENTIM GOMES DA SILVA



Vou fazer um relato do que eu sei, do que me foi contado por meus pais, sobretudo do período do pós-guerra que foi determinante para a saída de milhões de pessoas de toda a Europa em direção à América, no caso português, para o Brasil.

A situação de todos os europeus após a segunda-guerra mundial era de uma “calamidade total”, palavras do meu pai.

Ele estava a servir o exército, a guerra acabara; Portugal não entrou na guerra, mas as consequências para Portugal foram terríveis.

Ele, em 5 de fevereiro de 1945, casado, minha mãe já grávida do primeiro filho, pediu para sair do exército, pois queriam mandá-lo para Timor ou para Goa. Casado, não poderia atender a tal pedido do Exército e requereu a saída; a autorização seria dada com a condição de não permanecer em Portugal.

Teve que esperar até setembro de 1945 para o nascimento do primeiro filho Firmino para conseguir sair de Portugal.

Apareceu um problema: para sair de Portugal ele precisaria de uma Carta de Chamada, ou seja, alguém no Brasil teria de se responsabilizar por ele; sem essa garantia, o Brasil não deixava entrar nenhum imigrante, fosse de que país fosse. Esperou mais 6 meses e um tio de nome Francisco, já no Brasil, resolveu atender o pedido dele e lhe deu uma Carta de Chamada, mas com uma condição: teria que vir sozinho, trabalhar aqui no Brasil e depois mandaria vir a mulher e filho. Foi o que ele fez.

Valentim foi para o Brasil, sem nenhum dinheiro, deixando mulher e filho em Lamosa para tentar criar no Brasil condições de uma vida melhor para todos. Chegou ao Brasil e foi trabalhar com esse tio em um mercado muito pequeno que vendia arroz, batatas, feijão e todo o tipo de comida.

Essa vida dele durou 5 anos, ele no Brasil e a mulher Palmira e o filho Firmino em Portugal. Descrevia uma vida dele aqui, no Brasil, muito difícil, trabalhava todos os dias. O tio dele resolveu não continuar mais com o comércio e deu para meu pai o negócio, em troca de um aluguel e que meu pai pagasse o estoque existente.

Meu pai passou todo esse dia a chorar, contava ele, pois conseguira a sua independência e, no dia seguinte, já como proprietário de um negócio, o governo brasileiro o autorizaria a fazer uma Carta de Chamada pois já poderia se responsabilizar por nós, e assim o fez. Para sair de Portugal naquela época se exigia uma série de documentos, meu pai dizia que o principal era o da Febre Amarela.

Meu pai começou, assim que nós chegamos e com ajuda de minha mãe, a ganhar muito dinheiro e com apenas dois anos após nossa chegada, comprou um terreno em outro lugar e construiu uma casa grande e um armazém de venda de produtos de alimentação que era um sucesso na época nessa região. Nasceram a Rosa, minha irmã e meu irmão Amadeu.

Meu pai então precisava ajudar mais pessoas que queriam vir para o Brasil, mas ninguém aceitava assumir essa responsabilidade. Meu pai Valentim preparou, então, em outro terreno, algumas casas para realizar um sonho, trazer as pessoas próximas dele e começou com os irmãos, Armando, Eduardo, Elisa, depois vieram os da minha mãe, Ester, Ana, depois os meus avós Manoel Carlos e Rosa, depois o meu tio Adelino, e não parou mais até chegar a 30 parentes.

Com todos os que ele chamou, fez o mesmo que haviam feito com ele, os acolheu em casa, aprenderam a trabalhar e seguiram sua vida sempre com supervisão de meu pai.

Todos, sem exceção, tinham meu pai como um exemplo a seguir. A todos ele ensinou, todos aprenderam, todos viraram empresários.

Meu pai perto dos anos de 1970, resolveu se aventurar mais nos negócios, montou uma Construtora, fazia prédios para arrendar, e assim seguiu por 10 anos, com muito sucesso.

Um dia reuniu a mim, meus irmãos, minha mãe e disse: não trabalho mais, não preciso de mais dinheiro, todos ao meu redor estão bem, com saúde e já podem andar sozinhos: vou à reforma. Nunca mais trabalhou, começou a viajar o mundo, todos os anos em Lamosa, animava as festas que fazia com a concertina, bebia muito vinho, tinha muitos amigos e assim viveu até aos 95 anos de idade.

Isto é um resumo da vida de um homem que acreditava que o que tinha não era o suficiente, que enfrentou o mundo para dar uma vida diferente para mulher, filhos e sua grande família, que amava Portugal, que amava Lamosa.

Firmino Silva



SENHORA DA CONCEIÇÃO: PADROEIRA DE LAMOSA

Tendo deixado Lamosa aos onze anos para entrar no Seminário, de vez em quando sentia saudades.

Lembrava-me, por exemplo, da festa de Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro: a missa mais festiva, a procissão humilde pelas ruas, no céu alguns foguetes, enfim, um dia diferente.

Não há documentos que nos digam por que motivo escolheram a Senhora da Conceição como Padroeira de Lamosa. Mas sabemos da influência dos Jesuítas na constituição da nossa paróquia e construção da igreja velha, lá pelos últimos anos do século XVI e primeiros do século XVII. Nessa altura andava no ar e muito aceso o debate sobre a Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

Questão essa que viria a terminar, em Portugal, quando Dom João IV proclamou Nossa Senhora da Conceição Padroeira do Reino e ordenou que a Universidade de Coimbra, à qual os Jesuítas estavam ligados, jurasse defender essa verdade.

Quanto à origem desta invocação mariana, a explicação é simples: a quem muito se ama dão-se muitos títulos, muitos nomes carinhosos, como sucede com a nossa mãe. Ela auxilia-nos, ela protege-nos, ela guia-nos, ela cuida de nós. Assim é normal, para quem a considera nossa Mãe do Céu, invocar a Virgem Maria como Auxílio dos Cristãos, Consoladora dos Aflitos, Mãe do Bom Conselho, Senhora da Saúde, Senhora das Necessidades... Em Lamosa designamo-la de três maneiras: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Graça (a quem se dedicava a antiga Capela), Nossa Senhora do Emigrante...

Tinha razão o poeta Correia de Oliveira ao escrever:

*“Senhora da Conceição
e da Fátima e da Paz,
chamar por uma ou por outra,
ó Mãe de Deus, tanto faz”.*

Padre Abílio Pina Ribeiro

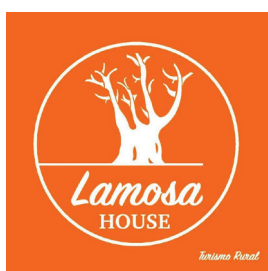


PUBLICIDADE



**A MAIS COMPLETA
HISTÓRIA DE LAMOSA**

Encomendas:
officesilva1@sapo.pt



**LAMOSA HOUSE
TURISMO RURAL**



**DOIS EMOCIONANTES
ROMANCES COM
LAMOSA E O PLANALTO
BEIRÃO COMO PALCO**

Contacto:
pinacosta@gmail.com



**S2L - SOLUÇÕES
INFORMÁTICAS DE
GESTÃO**

Contacto:
www.s2l.pt